

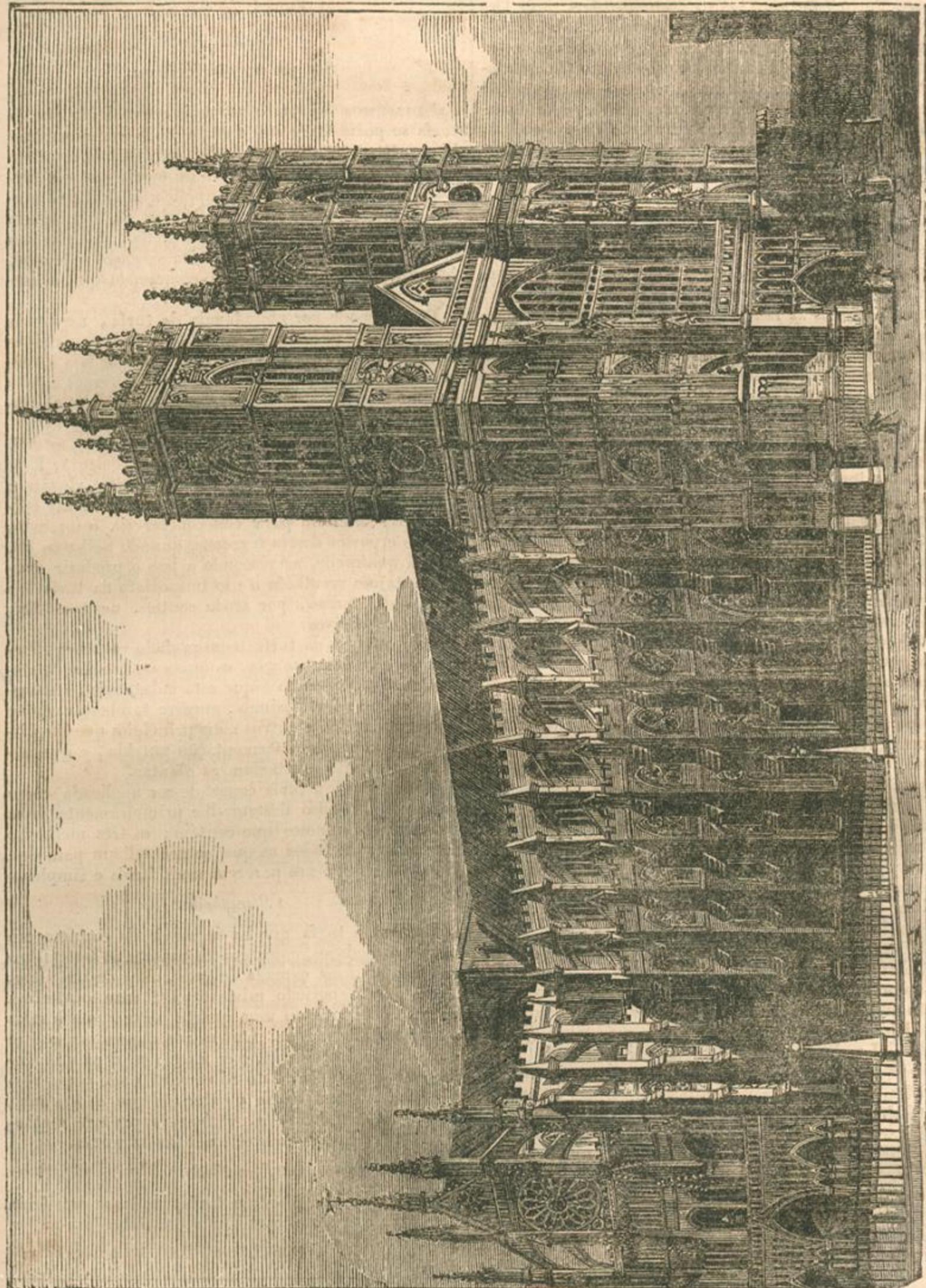
# O PANORAMA.

JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO

DA

**Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis.**

42) PUBLICADO TODOS OS SABBADOS. (FEVEREIRO 17, 1838)



ABBADIA DE WESTMINSTER, VISTA DO LADO DO NOROESTE.

## ABBADIA DE WESTMINSTER.

ESTA ABBADIA celebre, a que podemos chamar o pantheon da Inglaterra, ainda quando a despojassem dos tumulos, que a illustram, sempre subsistiria como um dos principaes monumentos da Europa. A sua origem é um tanto obscura; mas geralmente se atribue a sua definitiva fundação a Eduardo, o Confessor, que sacrificou ás despezas da construcção o terço de todos os seus bens e dinheiro. Aos 28 de Dzembro de 1065 celebrou-se a sua dedicação: a 12 de Janeiro seguinte foi alli enterrado o fundador; e um anno depois, pela Paschoa, Guilherme o Conquistador, a quem elle instituira por herdeiro, no mesmo templo foi coroado. Varios monarcas depois em parte renovaram o edificio, sobre tudo Henrique 7.<sup>o</sup>, que mandou construir a sumptuosa capella do seu nome, que um escriptor inglez denomina "Maravilha do mundo." Ainda depois se fizeram notaveis alterações, no plano e estilo deste monumento, dirigidas pelo mais celebre architecto classico inglez, Christovão Wren, que erigiu a cathedral de S. Paulo. Este artista era naturalmente pouco proprio para conservar o caracter d'um monumento gothicó; mas ao menos as mudanças que fez não são destituídas d'invenção e de magestade. O côro onde celebram os officios divinos é movel, e pôde tirar-se quando ceremonias solemnes exigem campo mais vasto; é obra no estilo gothicó, e do architecto Keen.

A abbadia tem a fórmula ordinaria d'uma cruz. O claustro contiguo ao edificio fica do lado meridional. No exterior os objectos mais dignos d'attenção são as duas torres, e a porta do Norte, ou de Salomão. O principal ornato interno são os mausoleus; e tambem é para ver-se um trecho de mosaico no côro, collocado por artistas romanos em 1260, e que representa o tempo da duração do mundo, ou o *primum mobile* segundo o sistema de Ptolomeu. Tambem ahi mostram a pedra trazida da Escocia por Eduardo 1.<sup>o</sup>, sobre a qual são coroados os monarcas inglezes. Desviando porém a contemplação dos tumulos, que ennobrecem Westminster, nada captiva tanto a attenção como a capella de Henrique 7.<sup>o</sup> É do mais apurado gosto em architectura; e faz pasmar a copiosa profusão de seus ricos ornatos. Este monumento recorda o matrimonio de Henrique com Isabel, o qual poz termo ás desastrosas rivalidades das casas de York e de Lancaster.

Um viajante, que visitou Westminster, censura a collocação naquelles logares de varias figuras de cera [trajadas de gala, e resguardadas dentro em vidros] que representam algumas personagens illustres do paiz, como Nelson, Lord Chatam, &c. — Causa pessimo effeito encontrar entre os jazigos dos mortos aquellas caricaturas da vida, com olhos d'esmalte; e até para maior ridiculo no caixilho de vidro de Lady Richmont está empalhado um papagaio mimoso daquella fidalga. Faz pena que não desappareçam dalli tão mesquinhos objectos, que embargam as impressões religiosas e sublimes, que infunde o restante do edificio. Lembra o mesmo observador que varios camponezes de Devonshire, que o acompanharam em sua visita, e que estiveram mui circumspectos e attentos até chegarem aonde descobriram os tais figurinos, mudaram logo de tom, alargando-se em motejos pouco agradaveis ácerca da rainha Isabel e sua companhia. Perderam todo o respeito ao logar; mas a culpa é por certo dos que, tolerando a exposição destes ornatos de gabinete anatomico, ou de loja de caleireiro, são os primeiros a faltarem á veneração para com a arte, e para com a magestade do monumento.

Naquella capella d'Henrique 7.<sup>o</sup> foi Cromwell en-

terrado. Nas suas exequias ostentou-se uma magnificéncia real, muito pouco em harmonia com a severidade puritana do homem, que recusára a coroa, e só adoptára o titulo de *protector*. Na restauração, em tempo de Carlos 2.<sup>o</sup>, trocaram-se as pompas em ludibrios, desenterraram o cadáver de Cromwell e o enforcaram publicamente no patibulo de Tyburn!

## TURFA OU TURBA.

## II

## Seu uso na Agricultura.

JA' DISSEMOS [•] que o uso mais conveniente que da turfa se podia fazer era o emprega-la como combustivel, attenta a escacez da lenha, escacez que augmentará cada vez mais pela guerra de morte que em Portugal se faz ás arvores. Tal applicação da turfa produz ainda outras vantagens: Rozier no Diccionario de Agricultura diz que as cinzas della, deitadas nos brejos e lameirões, onde crescem sargaços e juncos, destruirão estes; e por isso recommenda que as apliquem a este mister.

Porém, onde por abundancia de turfa, nem toda for necessaria para queimar, ou onde mais conveniente seja o gastar lenha ou carvão, nem por isso a turfa se torna inutil, ou é de despresar. Poremos aqui o que mais importante ha que dizer ácerca do seu aproveitamento neste caso.

Por muito tempo se julgou que a turfa era esteril, e que nenhuma serventia tinha na agricultura. Este erro talvez proviesse de não nascerem, nem vingarem nos chãos de turfa as plantas que commummente cultivamos: tambem para elle concorreria o serem os prados e pastos destes terrenos, quando nelles os ha, de má qualidade, accrescendo a isso o produzir pouco vantajoso resultado o uso immediato da turfa nos adubos das terras, por ainda conter, neste estado, principios nocivos.

Pela analyse da turfa teem-se dado varias explicações de tal circunstancia, as quaes seria ocioso transcrever aqui. O certo é que esta substancia, contendo principios fertilissimos, encerra tambem carbono em abundancia, e outros mais principios que lhe dificultariam muito a fermentação putrida, e que nem um alimento prestariam ás plantas.

Para tornar a turfa capaz de ser applicada como estrume é preciso destruir-lhe primeiramente esses principios damnosos que contém; os tres methodos seguintes, de todos os que se aconselham para esse fim, são os que nos parecem mais faccias e simples.

1.<sup>o</sup> metodo.

Partam a turfa que ha-de servir de estrume em pequenos pedaços, e deixem-na exposta ao tempo, estendida em uma camada delgada, obra de um anno. Passado este periodo misturem-lhe uma centesima parte de cal viva ou uma quarta parte, pouco mais ou menos, de *marne*. Outros recommendam que se queime um terço della, e se misturem depois as cinzas com o restante. Isto só convirá onde possa servir para alguma cousa o calor da que se queima; aliás seria desperdiça-la. Preparada por este metodo a turfa, podem com ella adubar as terras.

2.<sup>o</sup> metodo.

Depois de bem pizada a turfa, ponha-se espalhada a seccar: quando estiver bem secca, estendam-na em uma camada de quatro a cinco palmos de grossura. Sobre este assento vão fazendo o deposito de estru-

mes que os lavradores costumam fazer: a humidade desses estrumes, repassando a turfa movida e secca, abastece-a dos principios fertilisadores, que em si contém, e facilita-lhe o fermentar: a fermentação, porém, não se pôde desenvolver inteiramente em quanto a turfa estiver recalcada pelo peso dos estrumes que sobre ella assentam, e a cobrem. Por isso, logo que a estrumeira tiver escorrido, é necessário revolver tudo muito bem, misturando a turfa com o estrume, e tornando a pô-la em monte. Assim se deixa ficar a fermentar por algumas semanas, no fim das quaes a revolverão de novo, misturando-lhe depois cal, na proporção de uma quinta parte, quando quizerem servir-se della.

### 3.º methodo.

Tendo-se, como fica apontado acima, pisado e secado bem a turfa, ajunte-se em monte, e molhe-se com aguas qujas, misturando-lhe restos de animaes mortos e mais cousas corruptas; acrescente-se depois a porção de cal que acima dissemos, e deixe-se curtir tudo bem, antes de o espalhar pela terra.

Por estes dois ultimos methodos se torna a turfa capaz de servir mais depressa; mas, quando se não careça de brevidade, o primeiro offerece maior facilidade na execução. Os inglezes usam da turfa como estrume, espalhando-a na primavera, depois de bem pisada e pulverizada, sobre as plantas, até ainda quando estão em crescimento.

Acabaremos com dizer o mais que ha ácerca das propriedades da turfa, para assim completamente instruir nossos leitores sobre semelhante objecto.

A turfa tem a propriedade de ser, como o carvão, *antiseptica*. Ha exemplos de cadaveres tirados do meio della no fim de cincuenta annos, tão bem conservados como se ahi tivessem sido postos de sentinella. Teem-se achado vestidos que, attendendo á sua forma, mostram terem alli persistido incorruptos por varios seculos. Desta circumstancia se poderia tirar vantagem para a conservação das madeiras. O carvalho e a faia mettidos na turfa se hão-de conservar por seculos, sem outra alteração mais do que a de se fazerem negros.

Os brejos e pantanos *turfosos* não são nocivos á saúde; e a sua agua é saudavel, segundo Bosc.

Os que desejarem sobre esta materia noticia mais particularizada, podem alega-la, lendo a obra francesa de *Roland de la-Platière*, intitulada *L'Art du Tourbier*.

### LOBOS DA BOHEMIA.

#### II

##### *A cabana.*

QUANDO Rosko fez partir os cavallos, teve a cautela de tirar a lanterna que vinha na dianteira do trenó, e de traze-la para a choupana da salvação. Em quanto os lobos uivavam, saltando á porta e buscando trepar ás janellas, que tinham bons portados, examinavamos nós o sitio em que nos achavamos, e o que nelle havia.

As paredes da casa estavam nuas: um socalco de terra corria com um dos muros: a um canto havia uma pouca de palha podre; mas ao pé della havia alguma lenha, o que era uma grande ventura; porque teríamos com que nos resguardar vinte e quatro horas do frio, que era de regelar. Aproveitou-a logo o velho creado, e fez uma fogueira no meio da cabana. O fumo subia até o tecto e resfolgava por uma abertura que ha na culmiada destas cabanas. Ouvindo o arranhar e rugir dos nossos terríveis inimigos, con-

gratulavamo-nos de lhes havermos escapado: só o velho Rosko parecia insensivel ao favor que o ceu nos concedera. Olhava carrancudo para as chamas, e de vez em quando abanava a cabeça. De repente ouvimos um grito agudo que não parecia de gente, era um dos nossos cavallos, segundo afirmou Rosko; o que provava que elles tinham sido apanhados. "Dão-nos descanço, disse elle, porque estão entretidos com a prêa; mas logo que derem conta della, te-los-hemos outra vez de volta comosco, com dobrada furia."

E assim era: dahi a pouco investiram com maior raiva contra a cabana: percebemos que tinham trepado acima do tecto. Estavamos n'uma terrivel angúlia, olhando de vez em quando pela abertura, por onde, quando o vento espalhava o fumo, viamos o ceu estrellado. A creada de repente apontou para cima, e caiu desmaiada. Erguemos os olhos, e démos com uma apparição horrivel: eram quatro cabeças de lobos com as fauces abertas, e ainda ensanguentadas. Atravez do fumo estas cabeças medonhas pareciam demônios do inferno, ou antes monstros fabulosos. Só Rosko conservou a serenidade d'animo: atirou com um molho de lenha ao lume, e disse: "Nada temos que recear destes: teem medo do fogo, e estão cegos com a fumaça." Eis senão quando, ouve-se um estouro espantoso: era o tecto que vinha abaixo com um dos lobos, que caiu em cima da fogueira; mas os outros poderam retrair-se. "Arreda, gritou Rosko. "Atire-lhe, me disse ao mesmo tempo; mas olhe não o erre." O animal dava altos gritos; atirei-lhe, e logo Rosko o acabou com uma cronhada. Tirámo-lo do lume, onde o seu sangue derramado fazia um fumo espesso e fetido, e puxámo-lo para um canto. Então o velho creado me disse: "É provavel que seja esta a unica tentativa que façam esta noite; mas o dia.... oh que o dia nos trará tantos hospedes destes, que não poderemos dar cabo de todos.

Só eu tinha ouvido estas palavras. Perguntei-lhe em voz submissa que receios podia elle ter da matinha, quando eu esperava que com o romper da alva os lobos se iriam metter nas brenhas da selva.

"Quando assim fosse, de nada nos serviria isso. Os cavallos estão mortos; e como ha-de ir sua irmã a pé até sairmos da floresta? A noite nos colheria de novo, e os lobos nos dariam com o trilho. Mas até esta esperança é vaã: quando a alcateia dos lobos é tamanha, não costumam temer a claridade do dia. Em quanto a provisão de lenha nos durar, a nossa fogueira nos resguardará de que nos acommettam pelo tecto: contudo a chamma de dia não lhes mette tanto pavor. Devemos revestir-nos de todo o animo, e usar de todas as nossas forças para desfender as malheres e a propria vida em quanto pudermos. Mas isso pouco nos aproveitará, disse por fim, com voz sumida.

A minha ultima esperança, fundada no nascer do dia, estava portanto desvanecida, e já por certa tinha a nossa ruina: assim a amargura da desesperação se apossou da minha alma.

Foram passando as horas para mim com lentidão e anciedade. Minha irmã dormia: repousava como um anjo de paz, come uma creança, que não conhece os perigos que a cercam: sorria-se em sonhos, e este sorriso me rasgava o coração.

O velho Rosko continuava callado a metter lenha no lume: tivera razão no que dissera; nenhum lobo tornou a aparecer na abertura do tecto: mas as suas arranhadellas na porta, o ruido que faziam, os uivos que davam continuaram toda a noite.

Antes de ter ouvido as reflexões de Rosko, todos os meus desejos eram que amanhecesse bem de presa; agora desejára eu que a noite fosse perpetua. Vãos desejos dos homens! Com isso só alcançaramos

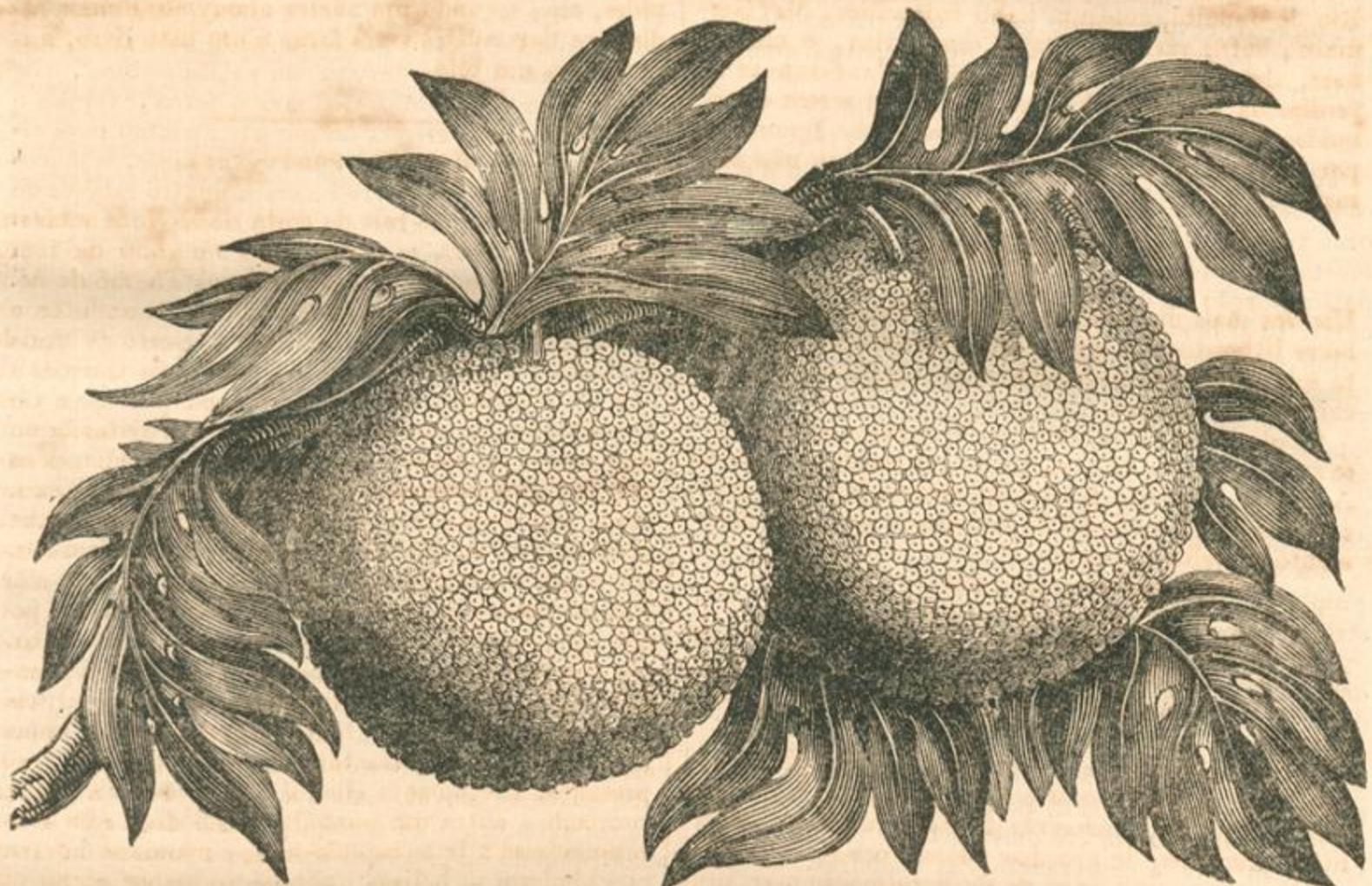
ter uma morte lenta, causada pela fome, em vez da que nos aguardava nas garras e dentes dos lobos.

As estrelas começavam a sumir-se; e o temido dia apareceu.

Approximava-se o momento, em que as predições de Rosko deviam cumprir-se. Animados com a claridade, mais de vinte treparam acima do teto, que estava a ponto de vir abaixo com tamanho peso.

Nesta extremidade toda a esperança de salvação estava acabada. De repente ouvimos disparar mais de cincuenta tiros de espingardas, os gritos de caçadores, e ladridos de cães. Os nossos perseguidores saltaram do teto abaixo, e fugiram, dando espantosos uivos.

Rosko abriu cautelosamente a porta, e exclamou: já lá vão; e eis um bando de caçadores que saem do bosque. Corremos á porta! Assim era: a vida e a liberdade nos fôra milagrosamente restituída.



O FRUCTO DO PÃO.

A ARVORE DO PÃO, RIMA.

(*Artocarpus incisa.*)

ESTA ARVORE, cujo fructo é tão util, senão absolutamente necessário aos habitantes de muitas ilhas dos mares do Sul, foi principalmente preconisado como producção das ilhas de Sandwich: mas não é só privativo destas, acha-se em quasi todos os paizes, que banha o Oceano Pacifico. Primeiro o descobriram os europeus na costa do Malabar; depois o encontraram nas Moluccas, na Java, &c. — O que se dá em Otaiti parece ser o mais proprio para sustento, porque é inteiramente limpo de sementes.

O capitão Cook descreve esta arvore como igual a um mediano carvalho, e o fructo como do tamanho d'uma cabeça de creança, espherico, de casca grossa e escabrosa, que encerra uma polpa, ao principio branca, e um tanto fibrosa e farinacea, mas que chegando á maturidade se faz amarella, succulenta, e de consistencia gelatinosa. Na polpa acham-se sementes ou caroços oblongos, recamados de muitas membranas. Este fructo, antes de maduro, contém um succo lacteo de grande viscosidade, e que escorre tambem em abundancia por incisão em qualquer parte da arvore.

Os habitantes de Otaiti quasi que não subsistem uma parte do anno d'outra cousa senão dos fructos desta casta de jaqueira, [quasi unica arvore daquella ilha] e que são de gosto adocicado, laxantes, e cor-

rompem-se facilmente no estado de maduros; por isso se colhem antes de o estarem, bastando que sejam bem creados, porque então a sua massa é dura, branca, e farinacea. Cortam-os em fatias, e as torram sobre brasas: outras vezes os cosem inteiros no forno até que a casca fique preta; depois os raspam para os comerem, como o miolo de pão molle, e neste estado é um alimento tão sadio como agradavel. No sabor parece-se com o pão de trigo misturado com um leve gosto d'alcaxofra sativa. — Aquelles habitantes gosam deste fructo oito meses no anno; porém nos quatro em que lhe falha, isto é, do começo de Setembro até o fim de Dezembro, que a arvore gasta em produzir novas flores e novos fructos, suprem-se preparando com a polpa uma massa fermentada, que se conserva, e de que fazem pão cosendo-a ao forno.

Não só pelos fructos é esta arvore valiosa para aquella gente; porque com as fibras do entrecasco fazem um tecido de que se vestem; da madeira fabricam suas casas, e bateis; com as folhas embrulham seus alimentos, e tambem se nutrem com as amendoas, ou caroços assados no borralho, ou cosidos em agua, os quaes tem o sabor e tamanho de castanhas. Finalmente o casulo das flores machas serve de isca, e com o succo lacteo, que escorre da arvore, depois de condensado faz-se excellente visco para apanhar passaros.

O governo inglez conhecendo que o clima das suas

possessões nas ilhas das Indias Occidentaes era muito analogo ao de Otaiti mandou em 1792 dois navios a buscar uma quantidade daquellas arvores para a Jamaica, que chegaram a salvamento em Janeiro de 1793; com effeito prosperaram, e hoje estão espalhadas pela Guyana, Antilhas, e outros paizes d'entre os tropicos, onde servem de muito proveito aos colonos, ainda que dizem que os fructos não são tamanhos, nem tão saborosos como na sua terra natal.

Em 1811 o desembargador Maciel da Costa, intendente geral da Cayenna, remetteu d'alli para o Rio de Janeiro, com um habil cultivador, Mr. Germain, entre varias plantas d'especiarias, e medicinaes, alguns pés da arvore do pão. Plantaram-se no jardim da Lagoa de Freitas para dalli serem distribuidas aos lavradores, que as quizessem. Ignorâmos porém a sua futura sorte; e se hoje estão ou não aclimatadas.

#### GRAN DE CARRASCO.

UM dos mais distinctos leitores do Panorama, e celebre litterato portuguez, nos enviou a seguinte nota sobre o artigo que publicámos ácerca da gran de carrasco ou kermes.

“Admira-me que sómente do Algarve se lembrasse quem vive em Lisboa, tendo em frente a serra da Arrabida, povoada de carrasqueiros e fertil de gran, ao menos no seculo 15.<sup>o</sup>, em que o seguinte documento só della se lembra.”

*Côrtes d'Evora de 1482. — Cap. 7.<sup>o</sup>*

#### *Da gran e seda.*

Neste capitulo queixa-se o povo das vexações que lhe faziam os officiaes delrei, sobre a criação dos bichos da seda, e sobre a colheita da gran, ao que elrei deu a seguinte resposta.

Responde elrei que sua tenção não é *em ello [nissos]* não fazer aggravo a seu povo; porquanto segundo a informação que tem havida da maneira em que se sohia [costumava] de apanhar quando era solta [livre], a elle parece que o povo recebe geralmente mais proveito estando assim em uma mão, tirando algumas pessoas poderosas, e que ainda sobre o apanhar della havia ahi arruidos, e que cortavam as carrasqueiras em que nasce, e que assim a vendiam aos estrangeiros a menos preço, e se faziam outras couzas prejudiciaes ao bem commun do reino e a seu serviço; porém que elle quer de todo ser mui inteiramente informado, e ver a maneira, que se em ello [nissos] deve ter, que mais proveito seja a todos, com guarda do que a seu serviço e bem do reino pertence; e porém ordena e manda que venham a ello os procuradores de Setubal e Cezimbra, para se, por elles, e com outras algumas pessoas, mais bem se informar; e achando que é bem que seja solta [franca] a todos, que elle a mandará soltar, que a apanhe quem quizer por alguns annos; e se achar que é melhor estar assim como está, em uma só mão, que então elle ordenará prego razoado ás partes, em que mais algum ganho recebam do que ora hão.

#### AUTO DE FE' DOS LIVROS PROHIBIDOS PELO PAPA.

PEDRO Manuel, na sua obra sobre a Policia de Paris descreve, pela maneira seguinte, as ceremonias que no seu tempo, isto é, no principio da revolução francesa, se practicavam na queima dos livros condenados pela sancta sé.

“Levanta-se n'uma praça publica um espaçoso cadasfalso, e a trinta passos accende-se uma fogueira. Sobem os cardeaes ao cadasfalso; apresentam o liyro

proscripto, atado e carregado de grilhões de ferro, ao cardeal-deão; este o dá ao inquisidor-mór, que o entrega ao escrivão; o escrivão passa-o ao preboste, o preboste ao meirinho, o meirinho a um archeiro, e o archeiro ao carrasco, que o ergue ao ar, voltando-se com gravidade para os pontos cardeaes, e depois desata o delinquente, rasga-lhe folha por folha, molha cada pedaço em pés a ferver, e por fim lança tudo na fogueira, e o povo, a este signal, clama anáthema aos philosophos.”

Este meio peremptorio de refutar quaesquer opiniões, era, segundo um auctor anónymo, o mais azado para dar muitas vezes fama a um mau livro, e reputação a um tólo.

#### AUDACIA PORTUGUEZA.

A MAIOR parte dos reis da costa de Melinde estavam sublevados contra os portuguezes no anno de 1589. Uma armada nossa, capitaneada por Thomé de Sousa Coutinho, corria aquelles mares castigando os rebeldes. Chegaram os portuguezes ao porto da cidade de Lamo, cujo rei era um dos que mais traições tinha urrido. Esperou Thomé de Sousa que elle o viesse visitar, como era costume dos reis tributarios nossos: mas o de Lamo, que se achava culpado, demorava a visita com affectados pretextos. Havia na armada um cavalleiro, chamado D. Bernardo Coutinho, da casa de Marialva: este se offereceu para trazer o rei mouro prezo á presença do capitão-mór. Por impossivel tiveram todos o offerecimento; porque elrei estava em terra com grande força, e parecia disposto a resistir a todo o poder dos portuguezes. Deixaram, porém, ir o atrevido soldado, o qual, chegando á cidade, fingiu que tinha negocio de importancia summa que tractar com o rei. Levado á sua presença, chegou-se a elle, e deitando-lhe a mão tirou com a outra um punhal, e lhe disse que se accommodasse a ir ao capitão-mór, e mandasse aos seus, que nenhum se bolisse; porque ao menor aceno que fizesse, ou ao menor movimento dos circumstantes, o cozia a punhaladas. O rei atemorizado, se deixou levar daquelle modo até a nau almirante, onde todos ficaram attonitos com semelhante feito, que, apesar de o verem, lhes parecia ainda impossivel.

#### O CURRARI.

O CURRARI é um veneno, cujo cheiro basta, a certa distancia, para matar; e delle usam os indios da America para envenenar as setas. A tribu Guarrahoon só uma vez por anno o faz, mas em porção avultada; porque esta peçonha é para elles objecto de commercio, dando-o em troca de outras couzas de que carecem as varias tribus com que teem tracto. A preparação do Currari é uma solemnidade religiosa e mistica, que se faz de noite. Accendem uma grande fogueira sobre a qual penduram um grandissimo canari [especie de vaso de barro]: neste canari se deitam de mistura diversas especies de plantas venenosas, e numero infinito de serpentes e sapos monstruosos, esbarrigados vivos, para ser mais abundante a peçonha. A mulher mais velha da tribo é encarregada de mecher este infernal guisado em quanto se cozze, e como as antigas sacerdotizas dos misterios d'Eleusis, é tractada com todo o acatamento nessa cerimonia a que preside. Entretanto os indios, postos em volta, dançam e cantam em côro os louvores do sol, entresachando coplas em louvor da sacerdotiza, a quem atribuem o poder de derramar encantos sobre

a preziosa preparação, e que breve vae gosar da inefável ventura de subir á presença do sol, seu deus. Com efeito a velha não se tira do pé do vaso fatal, onde é o seu posto: dahi mesmo ajuncta sua voz á dos indios, que primeiramente formam um circulo mui estreito, e mui chegado a ella; mas ao passo que a peçonha vae engrossando, e sendo mais perigosa, e que os vapores que exhala se vão tornando mortíferos, a roda se alarga, as danças e os gritos destemperados se vão affastando cada vez mais, até que o currari, posto no ponto necessário para matar, acaba com a velha, que, quanto mais o fumo é denso e perigoso, mais attenta está ás suas terríveis funções, e morre sem soltar o minimo queixume. Tal é o desfecho do drama, e o fim da ceremonia: a tribu dá alguns gritos agudos, e retira-se para deixar apagar o fogo, e coaltar o veneno. O currari torna-se n'uma substancia firme e solida, e para o derreter, os indios servem-se do succo da cassada, que tambem é um veneno. No dia immediato ao da preparação misteriosa, a tribu procede á eleição da sacerdotisa que ha-de presidir á ceremonia no anno seguinte; e os votos recaem sempre na mulher mais velha da tribu. Desde que sae eleita, a nova sacerdotisa é tractada com a maior veneração, e quasi lhe rendem cultos divinos; por este motivo todas as outras mulheres ardem em desejos de lhe succederem na alta dignidade de cozinheiras daquelle maldito guisado.

#### PANNOS DE TRAPOS.

HA ANNOS que em Leeds, cidade de Inglaterra, se estabeleceu uma fabrica de pannos de singular especie. As suas materias primas não passam de velhos farrapos de pannos, de baetilhas, e de toda a casta de fazendas de laã. Compram annualmente tamanha porção destes trapos, que se avalia o seu peso em cinco milhões de arrateis. Certa machina, que tem a fabrica, desfia os farrapos, e os reduz quasi ao estado de laã. Cardam-os, ajunetam-lhes alguma laã nova, e depois fiam-os e tecem com elles. O panno assim feito nem é mui forte nem mui fino; mas é baratissimo, e serve para muitos usos. Este fabrico não é, de modo algum, fraudulento: o seu fim é obter mui economicamente panno inferior, e apezar disso util, cujo preço pôde ser tão diminuto, quanto as materias de que é feito são tidas em conta de incapazes de servirem para outro genero de industria.

#### MACHINA MILITAR DE VAPOR.

MR. PERKINS inventou ha alguns annos a artilharia de vapor, o qual invento ainda que não progrediu, talvez de futuro venha a ser de grande importancia: mas o que neste genero ha mais notavel é certa machina inventada em 1834 por um ingenheiro inglez. E' o efeito deste machinismo de guerra tão terrivel que seu auctor lhe deu o nome de *pacificador*; porque não haveria quem se atrevesse a affrontar-se com elle. E' destinado a romper os quadrados de infanteria n'uma batalha campal, e a decidir promptamente a sorte dos combatentes. A tal nova machina de guerra compõe-se de um aro de caixão, feito de chapas de ferro fundido de meia pollegada de grossura. Outro aro de caixão mais pequeno, feito da mesma materia, vae mettido dentro, mediando, por todos os lados, entre ambos, o vão de seis ou oito pollegadas. Este vão é cheio com tóros de madeira verde. Uma machina de vapor, construida segundo o methodo das que se usam para mover as carruagens nos

caminhos de ferro, vae mettida no centro com as suas rodas, e fica resguardada da metralha, e até das ballas de artilharia pelo involtorio externo, visto que a experiecia tem mostrado que os tóros de pau verde da grossura de cinco ou seis pollegadas bastam para embaragar as ballas de calibre 6 ou 8. O centro de gravidade, estabelecido debaixo do eixo das rodas, impede que a machina tombe. Affirma o inventor que tudo isto não pesará mais do que uma peça de 12 com o seu reparo. Estas machinas de guerra serviriam para se trazerem na retaguarda dos exercitos, e applicarem-se em caso de necessidade. Arrojando-as contra os quadrados de infanteria, iria atraç dellas um grosso de cavallaria, para acabar de dispersar o quadrado roto pela machina. Tal invento, se algum dia se aperfeiçoar, talvez produza grandes mudanças na arte da guerra actual; e não deixaria de dar grande superioridade á potencia militar que primeiro dela fizesse uso.

#### COUSAS QUE NADA VALEM, VALEM MUITO.

PARA provar a verdade desta proposição, que ao primeiro aspecto parece absurda, e que de modo nenhum o é em economia domestica, o celebre J. B. Say conta o seguinte caso.

“ Lembra-me que estando eu no campo, vi um exemplo daquellas perdas minimas, de que tantas soffre uma familia negligente. Por falta de uma aldrava de pouco custo estava muitas vezes aberta a porta do pateo de uma granja, a qual porta dava para um descampado. Todos os que saíam puxavam para si a porta; mas não tendo cousa que a segurasse, ella ficava a bater. Certo dia um marrão fugiu e metteu-se pelo mato. Eis toda a gente da granja em busca delle: o hortelão foi o primeiro que o viu, e saltando um algar para lhe atalhar o passo, deu tamanha pancada que esteve quinze dias de cama. A cozinheira, quando voltou, achou queimada uma pouca de roupa, que tinha deixado a secar ao pé do lume. O abegão saindo apressadamente da abegoaria sem prender o gado, veio encontrar um poldro com uma perna quebrada, a qual lhe partira uma vacca. Os dias perdidos pelo hortelão valiam bem sessenta francos; a roupa e o poldro valiam outros sessenta: assim, dentro de poucos instantes, uma familia que precisava de viver com a mais severa economia, perdeu 120 francos, por falta de uma aldrava, que custaria meia duzia de soldos; isto, sem fallarmos dos padecimentos do hortelão, e dos mais inconvenientes alheios á despeza. Não eram grandes perdas estas, nem grandes desgraças; com tudo, é de saber que naquella granja se renovavam todos os dias accidentes semelhantes, o que por fim deu cabo da casa. Este caso me parece digno de que todas as familias meditem bem nelle.

#### AS SETE MARAVILHAS DO MUNDO.

MERECERAM na antiguidade este nome os sete seguintes monumentos, que excitaram a geral admiraçao. 1.<sup>o</sup> Os Jardins e as Muralhas de Babilonia; 2.<sup>o</sup> as Pyramides do Egypto; 3.<sup>o</sup> a Estatua de Jupiter Olympico; 4.<sup>o</sup> o Mausoleu; 5.<sup>o</sup> o Templo de Diana; 6.<sup>o</sup> o Colosso de Rhodes; e 7.<sup>o</sup> o Pharol de Alexandria.

As Muralhas de Babilonia eram de grandeza prodigiosa, e feitas de tijolos ligados com bitume: cercava-as um largo fosso cheio de agua e forrado tambem de tijolos de ambos os lados. Os autores antigos dizem que tinham cento e doze palmos de gros-

sura, quatrocentos e cincuenta de altura, e formavam um quadrado perfeito de seis leguas de lado, o que equivale a vinte e quatro leguas de comprimento; tinham cem portas, e eram ladeadas de torres.

*Os Jardins de Babilonia* formavam, segundo dizem, um quadrado, que tinha seiscentos palmos de cada lado. Eram elevados, e compunham-se de muitos terrados largos, dispostos á maneira de amphitheatro, o maior dos quaes equalava em altura as muralhas da cidade. Subia-se d um para outro terrado por uma escadaria de quinze palmos de largura. Toda esta fabrica repousava em grandes abobadas edificadas umas sobre outras, e fortalecidas por meio d'uma muralha de trinta e tres palmos de grossura, que cingiam tudo em volta. No fecho das abobadas tinham assentado grandes lagens de vinte e quatro palmos de comprimento e seis de largura, e por cima destas uma camada de caniços cubertos de grande quantidade de bitume, sobre o que descansavam duas ordens de tijolos fortemente ligados com a argamaça. Era tudo isto farrado de chapas de chumbo, e sobre este forro descansava a terra do jardim. Haviam construido estas plata-fórmas para que a humidade da terra não fosse calando as abobadas até escoar por entre elles. A terra que ellas sustentavam era tão alta que as arvores mais elevadas tinham ahi bem por onde estender as raizes.

*As Pyramides do Egypto*, ou de Giseh, distam do Cairo quatro leguas. Ha tres maiores, e outras mais pequenas. Ignora-se a epocha da construcção da maior parte delas; porém a fundação da maior, Herodoto a attribue a *Cheops*, quasi 350 annos antes de J. C. Estas montanhas artificiales começam-se a avistar a dez leguas de distancia, e parecem affastar-se á medida que para elles se caminha. Os nomes de Chateaubriand e de Delille, que tão elegantemente falaram destes monumentos, a existencia dos quaes, segundo as expressões do ultimo, tem cançado o tempo, são lidos com prazer pelos viajantes europeus, n'aqueles mesmos sitios onde Napoleão bradára ao seu exercito: — trinta seculos nos contemplam de cima d'essas pyramides. A rócha sobre que é edificada a pyramide maior está 130 pés acima do nível do Nilo, 143 acima do Mediterraneo. A base superior da pyramide truncada está mais alta que o valle do Nilo 551 pés 9 pollegadas e 7 decimos, 594 pés 9 pollegadas e 7 decimos acima do Mar Mediterraneo, e 564 pés 9 pollegadas e 7 decimos acima do Mar Vermelho. Tem esta pyramide 1.128.000 toezas cubicas, ou pedras para a construcção d'uma muralha de 4 toezas de altura, uma de largura, e quinhentas e sessenta e tres leguas de comprimento. A opinião mais seguida quer que estes monumentos servissem de sepultura. Acharam-se n'um delles muitas salas, uma das quaes contém um sarcophago de granito.

*A Estatua de Jupiter Olympico*, obra de Phidias, estava no templo de Olympia, na Elide. Era de marfim, enriquecida de ouro e pedras de valor, e de altura desmesurada.

O *Mausoleu* era um magnifico tumulo ereto por Arthemisa a Mausolo seu esposo, rei da Caria. Esta rainha, modelo da ternura conjugal, julgou não ser-lhe possivel honrar mais as cinzas de seu marido do que bebendo-as, e para alliviar a dôr mandou edificar aquelle tumulo á custa de enormes sommas.

O *Templo de Diana*, em Epheso, tinha 485 pés de comprimento, 220 de largura, e ornavam-o interiormente 127 columnas de marmore, d'altura de 60 pés. Pretendem que Ctesiphonte o começára, e levou 407 annos a concluir. Este sumptuoso edificio foi pasto

das chamas, porque Erostrato, ambicioso de ganhar nomeada, o incendiou no anno 1696 da criação do mundo.

O *Colosso de Rhodes* era uma estatua de bronze, collocada á entrada do porto de Rhodes, e de tão extraordinaria altura que asseveram podiam passar-lhe por baixo das pernas os navios com todo o panno largo. A sua altura era de 105 pés. Um terremoto a lançou por terra, e os destroços carregaram 900 camellos.

O *Pharol de Alexandria*, que de noite devia servir de balisa ás embarcações, era formado de pedras brancas, e consistia em uma torre elevadissima, cujos andares eram sucessivamente mais pequenos até acabarem no logar do pharol. Causava mais particular admiração a escada construida pela parte de fóra, que dava serventia para os diversos andares, e acabava no cimo da torre. Nada resta deste celebre monumento.

#### AS DISPOSIÇÕES PARA UMA VIAGEM.

NICOLAU Masini de Cesena foi um homem muito versado nas bellas-letras e nos conhecimentos abstratos. Cultivou com feliz resultado as mathematicas, a philosophia, e a medicina; porém nesta ganhou maior nomeada, porque fez curas tão maravilhosas que os maiores potentados, e os principes do seu tempo recorriam ao seu saber.

O papa Clemente 3.º, apprestando-lhe os talentos, lhe escreveu, dizendo-lhe que o creava seu primeiro medico, e lhe pedia que viesse morar em Roma, para exercer este emprego; porém Masini tinha uma creada que consultava sobre todos os negocios, e de quem seguia cegamente os conselhos. Abraçou pois a opinião desta mulher, e depois escreveu ao papa respondendo-lhe que não podia cumprir-lhe os desejos, porque a sua creada não era de parecer que mudasse de casa.

Quando este homem celebre premeditava alguma viagem, fazia de seu proprio punho, e com a mais minuciosa attenção, uma lista exactissima de tudo que queria levar consigo. Homens, cavallos, cães, trem de casa, correias, os objectos os mais insignificantes, de tudo tomava nota; e chegado o dia da partida, pegando na lista com a maior seriedade, fazia, em voz alta, uma chamada nominal, começando por si mesmo: — Nicolau! — ao que respondia — presente! — e assim continuava a chamar pelos seus amigos e creados; porém como fôra difficult aos cães e aos cavallos dar a resposta cathegorica e obrigatoria, um lacaio a quem elle tinha dado este emprego respondia por elles, imitando o rinchar dos cavallos, e o ladrar dos cães. Dos animaes passava ás cousas inanimadas, e não se punha a caminho sem concluir toda esta ceremonia.

Não podia soffrer que fizessem uso d'agua fria e de vinho gelado, e exhalou a seu odio contra isso n'um livro intitulado: “*Do abuso das bebedas frias.*” Estabeleceu como primeiro principio hygienico indispensavel a privação absoluta dos liquidos no estado frio: asserção singularmente falsa na sua applicação geral, e desmentida pela razão e pela experientia.

*Dos espelhos.* — Os primeiros espelhos foram de metal; Cicero attribue a invenção d'elles a Esculapio deus da medicina, e Moisés faz d'elles menção. Foi no tempo de Pompeu que fabricaram em Roma os primeiros espelhos de prata. Plinio falla d'uma pedra brilhante, provavelmente o talco, susceptivel de dividir-se em laminas que, postas sobre um plano

metalico, reflectem perfeitamente os objectos. Os primeiros espelhos de vidro apareceram na Europa no fim das cruzadas; Veneza, que primeiro soube fabrica-los, veio enriquecer os seus negociantes, e exportar estas manufacturas para todos os estados da Europa, onde hoje tanto abundam.

*Meio de não esperdiçar o calor das forjas.* — O vento do folle dispersa sem cessar o combustivel, que é necessário de contínuo chegar com uma pá, ou humedecer, para que não o arraste a corrente do ar, e evitar um grande desfalque de calor. Os operarios da Suissa servem-se d'um metodo muito simples para obstar a este inconveniente. Fazem com greda, ou barro amassado com pó de carvão, uma cortina do lado opposto ao folle sobre o carvão. Esta massa não deixa dispersar, nem o combustivel, nem o calor, e aumenta este na parte onde está o ferro destinado ao trabalho, e por consequencia diminue a quantidade de carvão, que se havia de queimar.

Nem por muito simples se devem despresar os methodos industriaes, porque ás vezes quanto mais simples menos lembram.

*Uso das cinzas do carvão mineral para estrumar as vinhas.* — Experimentou-se, por tres annos a fio, que estas cinzas misturadas com boa terra dobravam o producto d'uma vinha sem cançar as cepas. — É sabido que as cinzas do carvão mineral misturadas com os estrumes d'animaes acceleram muito a dessecção, e os pôe promptos para servir em nas terras sem ser necessário esperar pelas preparações lentas, e desagradaveis, que os apodrecem.

*Modo de pratear o marfim.* — O marfim pôde pratear-se solidamente, pondo-o a demolhar n'uma dissolução fraca de nitrato de prata; então vai pouco a pouco tomando uma cor de amarelo carregada; tira-se nesta occasião e mergulha-se em agua pura; expõe-se o vaso, em que está, ao sol, que no fim d'algumas horas o faz negro: esfregando-se depois bem fica brilhante como prata.

Adverte-se que esta dissolução de nitrato de prata [a que chamam pêdra infernal] é um veneno violento, que deve empregar-se com toda a cautela; tinge de preto a pelle, e nenhuma lavagem a lava; e a parte da epiderme tocada se destroea passado algum tempo, e só assim desaparece a nodoa.

Annos  
de  
J. C.

#### SEMANARIO HISTORICO.

Fevereiro 11

- 1288 — Institue elrei D. Diniz, pela primeira vez a universidade em Coimbra, que é a mais antiga da Europa, á excepção da de París, Oxford, e Bolonha.
- 1549 — D. Jorge de Castro derrota o rei de Ceitavaca, na ilha de Ceilão, e toma-lhe a cidade.
- 1650 — Morre o philosopho Descartes na Suecia, para onde fôra chamado pela rainha Christina: os seus restos são trazidos para França, e recebidos com grande pompa.
- 1755 — Morte do marquez Scipião Maffei, um dos mais fecundos e eruditos escriptores d'Italia. Antes de morrer lhe alevantaram uma estatua em Verona, sua patria, com esta inscripção = *Ao marquez Scipião Maffei ainda vivo.* Durante a sua ultima doença fizeram-se por elle preces publicas.

12

- 1554 — Joanna Gray, proclamada rainha d'Inglaterra, é mandada dahi a pouco degollar pela rainha Maria, verdadeira sucessora da corôa.
- 1563 — Fallece a rainha D. Catharina, mulher de D. João 3.º e regente do reino na menoridade de D. Sebastião.
- 1804 — Morte de Kant, chefe da escola da philosophia critica. 13
- 1542 — Catharina Howard, quinta mulher de Henrique 8.º, é degollada por ordem do Tyranno no castello de Tower-Hill.
- 1547 — Toma D. Jorge de Menezes a cidade de Barroche, na costa de Cambaia.
- 1668 — Paz com Castella, depois da guerra da independencia, que durou 28 annos.
- 1734 — Fallece em Lisboa o P. Rafael Bluteau, natural de Londres, auctor do Diccionario portuguez-latino, e de outras obras.

14

- 1537 — Morre o sultão Badur, assassinado pelos portuguezes, que nessa occasião se apossam da cidade de Diu.
- 1779 — O celebre Cook, na sua terceira viagem á roda do mundo, acaba em uma briga com os selvagens de Owhyhee, nas ilhas de Sandwich. 15
- 1538 — O corsario Pate-Marcar, que infestava os mares da India com 50 navios, guarnecidos por 3000 soldados, desembarca em Beadalá. É ahi atacado por Martim Affonso de Sousa com 400 portuguezes, e completamente desbaratado. Da armada inimiga, que estava varada em terra, ardem 25 vellas, caindo em nosso poder o resto, bem como 400 peças de artilharia e 1:500 espingardas.

16

- 1497 — Nascimento de Melanchton, companheiro de Luther na reforma protestante, e auctor da confissão de Augsburgo.
- 1630 — Tomam-nos os hollandezes as praças de Olinda e do Arrecife em Pernambuco.

17

- 1563 — Morte de D. Leonor de Noronha, filha do marquez de Villa-Real, auctora de varias obras misticas, e traductora das Enneadas de Marco Antonio Sabellico, impressas em Coimbra de 1550 a 1553.

No mesmo dia e anno faleceu em Roma o celebre Miguel Angelo, architecto, estatuario, pintor e poeta, tendo de edade 89 annos.

*A Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Utéis annuncia que das 2:000 Acções, que formam o seu capital, só 19 restam para emittir; portanto os S.ºs Accionistas ou quaequer outras pessoas, que as quizerem tomar o devem fazer com brevidade.*

Escriptorio da Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Utéis, Rua do Arsenal N.º 55 — 1.º andar.

LISBOA — NA TYPOGRAPHIA DA SOCIEDADE.